

INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE D. CARLOS I
Intervenção do Presidente da Câmara Municipal de Cascais
António d' Orey Capucho
Cascais, 1 de Fevereiro de 2007

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Senhor Chefe do Estado Maior da Armada
Senhor Secretário de Estado do Turismo
Senhor Presidente da Assembleia Municipal
Senhor Vice-Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Cascais
Senhor Dom Duarte de Bragança
Senhor Presidente da Junta de Turismo da Costa do Estoril
Senhor Capitão do Porto de Cascais
Senhor Comandante da Divisão de Cascais da PSP
Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Cascais
Senhor Presidente da Academia de Letras e Artes
Senhor Secretário Geral da Academia Portuguesa de História
Senhor Secretário-Geral do BCP
Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia
Senhores Autarcas
Minhas Senhoras e meus Senhores

Cumpro-me em primeiro lugar agradecer muito efusivamente a presença de Sua Excelência o Senhor Presidente da República nesta cerimónia e testemunhar-lhe a subida honra que representa para esta Vila e todos os cascalenses a sua participação na inauguração de uma escultura que visa evocar e homenagear D. Carlos I na data em que se assinala o centenário do bárbaro atentado que vitimou o Rei de Portugal e seu filho o Príncipe Real D. Luís Filipe.

A figura de D. Carlos, Rei, estadista, diplomata, pintor e investigador oceanográfico, cujo nome e vida ficaram tragicamente associados a um dos períodos mais conturbados da história de Portugal, está indelevelmente ligada a Cascais, Vila que, juntamente com o seu pai D. Luís, ajudou a projectar desde o último quartel do século XIX, fazendo-a evoluir rapidamente de pequeno burgo de pescadores para prestigiada estância de veraneio à beira-mar.

D. Carlos foi assassinado num atentado cobarde às mãos e a mando de fanáticos. Aqui nesta terra e como a documentação escrita e fotográfica tão abundantemente comprova, era profundamente amado e respeitado pelo Povo em geral e os pescadores em particular com os quais se misturava e muitas vezes convivia e conversava no dia-a-dia, sem qualquer escolta que o protegesse.

É conhecida a paixão que sobretudo D. Carlos votava ao mar, fosse numa perspectiva desportiva, artística ou científica, circunstância que viria a propiciar desde cedo a inclusão desta deslumbrante baía na rota das grandes regatas, as quais, desde então à actualidade, têm feito regularmente das águas da Costa do Estoril palco de espectáculos extraordinários.

No Verão do ano transacto, refira-se, esta reconhecida marca turística cascalense ganhou um novo fulgor e dimensão com a escolha para cenário da realização dos Campeonatos do Mundo de Vela das Classes Olímpicas.

D. Carlos dizia que desde a infância tinha a “paixão do mar”.

E por isso o mar, as ondas, os veleiros, os iates e outras embarcações, foram, ao longo da sua vida, tema de magníficos álbuns, meticulosos diários de bordo, lindíssimos desenhos, aquarelas, óleos e pastéis.

Assim, na oportunidade tão excepcional daqueles campeonatos mundiais, que aqui reuniram cerca de 900 embarcações e 1.500 atletas, pareceu-nos obrigatório homenagear a memória de D. Carlos e a sua particular ligação ao mar de Cascais, designadamente através de uma exposição montada no nosso Museu do Mar e a edição de um magnífico livro sobre a obra artística do monarca.

Posso afirmar que essas iniciativas contribuíram fortemente para divulgar e realçar o verdadeiro valor e a reconhecida qualidade de uma obra que ainda permanecia desconhecida de muitos.

Neste início de 2008, centenário do regicídio, o Município de Cascais volta a homenagear a figura do monarca, regressando à sua particular ligação com o mar.

Entre as múltiplas possibilidades que se ofereciam para evocar a profícua e multifacetada relação do monarca com este elemento natural, foi tomando forma a ideia de circunscrever o projecto a uma das suas outras mais proficuas facetas: a de investigador oceanográfico.

Recorde-se que, atento ao desenvolvimento científico e tecnológico das expedições inglesas, francesas e americanas que coevamente exploravam de forma inovadora os oceanos, D. Carlos iniciou em 1896, precisamente a partir desta Cidadela onde nos encontramos, os seus trabalhos oceanográficos.

Aqui o monarca instalou aquele que foi o primeiro laboratório de biologia marítima em Portugal e deu início ao primeiro inventário sistemático da fauna submarina portuguesa, adaptando o seu iate particular, Amélia, a essas funções. Até 1908, data em que seria assassinado, D. Carlos levou a cabo diversas campanhas a partir de 4 iates reais ligados à oceanografia, sempre baptizados com o nome da rainha D. Amélia.

Consequentemente, tomou-se a decisão de representar D. Carlos nesta sua relevante faceta de investigador oceanográfico, proporcionando uma leitura imediata do monumento no sentido de relembrar o notável trabalho desenvolvido pelo monarca neste domínio científico.

A escolha do local de instalação da escultura, junto à Cidadela que foi residência real e defronte à Baía, deu o impulso final à ideia e ao projecto.

Permito-me fazer aqui um parêntesis para referir que, finalmente e em boa hora, V. Exa. Senhor Presidente da República decidiu colocar um ponto final no lamentável estado de degradação progressiva do Palácio da Cidadela, edifício histórico deste Concelho afecto à Presidência da República.

Cedo determinou V. Exa. a elaboração de um projecto de requalificação do Palácio, já submetido e aprovado pelo Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, estando assegurado o necessário financiamento.

Mas importa especialmente referir que o Palácio não se vai circunscrever a residência presidencial, pois entendeu V. Exa. aprovar a abertura ao público não só do piso térreo, cuja função será oportunamente divulgada, mas também o piso intermédio, onde será recriada a vivência dos membros da Família Real que por cá passaram.

Excelência, minhas Senhoras e meus Senhores, permitam-me mais umas palavras para caracterizar a escultura.

D. Carlos é representado pelo Escultor Luís Valadares a bordo do último iate "Amélia", em pé, junto à amurada fielmente reproduzida, olhando a baía, de binóculos na mão, trajado rigorosamente à época, em uniforme de trabalho da Marinha.

O conjunto assenta numa base de forma circular em pedra "azulino de Cascais", bujardada de modo a simbolizar o mar. Como pano de fundo, a sua Cidadela. Como horizonte, a sua querida Baía de Cascais.

A todas as personalidades e instituições que gentilmente contribuíram para a concretização do projecto os nossos reconhecidos agradecimentos, a começar muito justamente pelo inspirado Escultor Luís Valadares, mas também o Arq. Paisagista Braula Reis, o Estado-Maior da Armada e o Paço Ducal de Vila Viçosa.

Ao único mecenas deste projecto, o Banco Comercial Português, o nosso muito reconhecido agradecimento pelo generoso apoio concedido, não esquecendo também o papel assumido neste âmbito pelos Senhores Presidente da Junta de Turismo da Costa do Estoril e Secretário de Estado do Turismo.

Finalmente, um testemunho de muito especial e profundo apreço à Academia de Letras e Artes, nas pessoas do seu Presidente, Prof. Doutor António Sousa Lara, e Vice-Presidente, Comendador Joaquim Baraona, enquanto entusiastas e incansáveis parceiros da Câmara Municipal na idealização e na concretização deste justo e oportuno tributo do Município de Cascais à memória do Rei D. Carlos enquanto estadista, diplomata, pintor e investigador oceanográfico e ao seu papel determinante na promoção da nossa Vila.

Estou certo de que os cascalenses nos acompanham e apoiam neste sentido agradecimento e homenagem ao nosso saudoso Rei D. Carlos I de Portugal

Muito obrigado.